



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**A PRODUTIVIDADE DA PARTÍCULA “QUE” NO ARTIGO DE OPINIÃO:  
UM DIÁLOGO ENTRE FORMA E FUNÇÃO**

ADÉLIA VIRGÍNIA DE ARAÚJO LACERDA

CAMPINA GRANDE – PB

2013

**A PRODUTIVIDADE DA PARTÍCULA “QUE” NO ARTIGO DE OPINIÃO:  
UM DIÁLOGO ENTRE FORMA E FUNÇÃO**

ADÉLIA VIRGÍNIA DE ARAÚJO LACERDA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado à Coordenação do Curso de Letras –  
Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da  
Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título  
de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2013

L131p

Lacerda, Adélia Virgínia de Araújo.

A produtividade da partícula "que" no artigo de opinião [manuscrito]: um diálogo entre forma e função inicial. / Adélia Virgínia de Araújo Lacerda. – 2013.  
22 f. il. : color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.

“Orientação: Profa. Ma. Manassés Morais Xavier, Departamento de Letras”.

1. Lingüística 2. Gêneros Textuais 3. Formalismo 4. Funcionalismo I. Título.

21. ed. CDD 410

**A PRODUTIVIDADE DA PARTÍCULA “QUE” NO ARTIGO DE OPINIÃO:  
UM DIÁLOGO ENTRE FORMA E FUNÇÃO**

ADÉLIA VIRGÍNIA DE ARAÚJO LACERDA

**BANCA EXAMINADORA**

Manassés Morais Xavier NOTA: 9,0  
Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UFCG)  
Orientador

Dalva Lobão Assis NOTA: 9,0  
Profª. Ms. Dalva Lobão Assis (UEPB)  
Examinadora

Teresa Neuma F. Campina NOTA: 9,0  
Profª. Ms. Teresa Neuma de Farias Campina (UEPB)  
Examinadora

Trabalho aprovado em: 22 de agosto de 2013

Média: 9,0

CAMPINA GRANDE – PB

2013

## A PRODUTIVIDADE DA PARTÍCULA “QUE” NO ARTIGO DE OPINIÃO: UM DIÁLOGO ENTRE FORMA E FUNÇÃO

LACERDA, Adélia Virgínia de Araújo<sup>1</sup>

### RESUMO

Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos amplia-se a importância de se estudar os enunciados e os textos relacionando-os com as funções que eles desempenham nos contextos da comunicação, assumindo assim uma postura mais reflexiva no que se trata de admitir uma interação entre forma e função. Nesse sentido, faremos um estudo dos fenômenos da partícula “que” na perspectiva completiva e relativa dentro do gênero textual artigo de opinião. Além de identificar o fenômeno da partícula “que” no gênero, iremos realizar um estudo panorâmico das bases da Linguística: formalismo e funcionalismo, desenvolvendo um estudo das classificações oracionais e analisando a função que exercem dentro do artigo de opinião. Para essa pesquisa, tomamos como embasamento teórico os conceitos de Bechara (2009), Neves (1997; 2011), Kenedy (2008), entre outros. A análise realizada nos mostra a importância de um estudo trazendo uma discussão pautada no entrelaçamento de forma-função. Fizemos uma análise linguística que discutiu, com propriedade, aquilo que é da ordem da estrutura e daquilo que é da ordem do que põe esta estrutura para funcionar.

**Palavras-chave:** Formalismo; Funcionalismo; Partícula “que”; Artigo de Opinião.

### 01 INTRODUÇÃO

Com a evolução dos estudos linguísticos, ao longo dos anos, surgem duas abordagens teórico-metodológicas: o formalismo, instituído por Saussure, Bloomfield e Chomsky, e o funcionalismo, representado por Halliday e Dik, a Escola de Praga, Firth, Lamb. Os formalistas estudam a língua como um sistema autônomo, fechado em si e estruturalmente organizado, enquanto que os funcionalistas a estudam fazendo relação com sua função social.

Por essa razão há muitas discussões sobre a perspectiva que contemple de forma ampla os fenômenos da língua. Embora o formalismo e o funcionalismo tratem do mesmo objeto (a língua), sabemos que seus fenômenos são abordados de formas diferentes, uma vez que para ajudar a entendermos esses acontecimentos linguísticos se faz necessária a conciliação entre forma e função, no sentido de concebermos formalismo e funcionalismo não de maneira dicotômica, mas complementar.

Sendo assim, este trabalho surgiu da necessidade de conciliar essas duas vertentes com a intenção de articular os conhecimentos do sistema e do sentido nos fenômenos da

---

<sup>1</sup>Graduanda em Letras – Português pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: delia.lac@hotmail.com.

partícula “que” na perspectiva completiva e relativa, no gênero textual artigo de opinião. Neste sentido, temos como objetivo: a) realizar um estudo panorâmico das bases teóricas da Linguística, a saber: formalismo e funcionalismo; b) desenvolver um estudo das classificações oracionais da partícula “que” na perspectiva formalista e funcionalista, analisando a função que a partícula “que” exerce dentro do gênero artigo de opinião. Uma pesquisa desse porte justifica-se pelo fato de sabermos a importância de analisar a língua dando sua contribuição para o entendimento dos estudos dos fenômenos linguísticos, a partir de uma perspectiva que seja utilizada de maneira complementar da forma-função e igualmente necessária para o estudo em questão.

Para esta pesquisa tomamos como embasamento teórico os conceitos de Bechara (2009), Cunha (2008), Neves (1997; 2011), Costa (2008), dentre outros.

No que tange à metodologia, adotamos como *corpus* ampliado, em média, 05 (cinco) artigos de opinião retirados de revistas e jornais de circulação nacional, a saber: “Medíocres distraídos”, “Degraus da Ilusão”, “Educação: reprovada” – Lya Luft e “Outras virão, Estamos com fome de amor” – Arnaldo Jabor. No entanto, para fins de análise, restringimos a 01 (um) artigo, “Medíocres distraídos”, de Lya Luft. Este trabalho foi idealizado para ampliar os conhecimentos de estudiosos da Língua Portuguesa, sobretudo, para a área que investiga a análise linguística a partir dos pressupostos da Gramática Funcional.

## **02 OS DESDOBRAMENTOS DA LINGUÍSTICA: FORMALISMO E FUNCIONALISMO**

As ideias de Ferdinand Saussure, considerado o divisor de águas na história da Linguística Moderna, são o ponto inicial para o pensamento que caracteriza a Linguística enquanto ciência, tornando-se um dos acontecimentos mais significativos para a área de humanas, no século XX. Até então o que existia era uma disciplina fundamentalmente histórica, com estudos especulativos e prescritivos dos fatos da língua, tendo uma metodologia irregular, fato que impedia a Linguística de adquirir um *status* científico.

Datam do início do século XVIII os primeiros estudos linguísticos. Os estudiosos europeus, a partir do interesse pelas civilizações antigas, desenvolveram diversos estudos sobre línguas indoeuropeias. Eles procuravam explicar através do método comparativo (artifício fundamental nos estudos de Linguística Histórica) as semelhanças entre o sânscrito, grego, latim, gótico e persa com embasamento, principalmente, nos elementos gramaticais -

fonológicos e morfológicos. Tal procedimento visava a apontar não só o parentesco entre estas línguas, como também as características da língua antepassada.

Menciona Faraco (2005) que décadas depois, por meio das ideias de Schleicher, a língua passou a ser vista como um organismo vivo, isto é, como um fluxo que se realiza por força de princípios invariáveis e idênticos às leis da natureza e foi através desse estudioso que se realizou a primeira análise feita a partir da fala e não de textos escritos, proporcionando, assim, um grande avanço metodológico no desenvolvimento dos estudos filológicos.

Com o desenvolvimento da Filologia Comparada, já no final do século XIX, surgem os neogramáticos. Esta nova geração de teóricos percebeu a necessidade de considerar outras formas de metodologias e análises para o estudo da língua voltadas para uma abordagem mais empírica e com as práticas sincrônicas de uso linguístico, como acertadamente explica Faraco (2005, p. 34):

a característica do programa desse grupo foi o questionamento dos pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa (principalmente seu descritivismo) e o estabelecimento de uma orientação metodológica diferente e de um conjunto de postulados teóricos para a interpretação da mudança linguística.

Em meio aos novos desdobramentos metodológicos se insere Saussure com o Estruturalismo na Linguística, abrindo novos caminhos para as investigações dos fatos linguísticos. É com a publicação, em 1916, do *Curso de linguística geral* – livro que é a reconstrução de registros de alunos que tinham como ministrante Saussure – que se enfatiza o conceito da abordagem estruturalista como um sistema articulado, estudando, assim, a estrutura da língua, como um objeto específico, que corresponde a certos princípios de funcionamento.

Por considerar a língua homogênea e dinâmica, Saussure pautou seus pensamentos a um grupo de dicotomias: forma e substância, língua (*langue*) e fala (*parole*), sincronia e diacronia, paradigma e sintagma, significado e significante, motivado e arbitrário. Assim sendo, esta abordagem entende que a língua é forma (estrutura) e não substância (conteúdo), reconhecendo, entretanto, a importância da análise da substância, apenas em um segundo plano, para que se possa formular pressuposições acerca do sistema a ela relacionado. Separou a *langue* da *parole* a fim de estudá-la como sistema abstrato, afirmando ser possível estudar apenas a *langue*, por considerar que toda ela tem sua estrutura própria e seu modo de construção frasal, o que na perspectiva estruturalista representa o estudo imanente da língua,

isto é, “ela por ela mesma”. Ele faz uma distinção entre sincronia e diacronia, sendo sincronia a descrição do estado dessa língua em um determinado momento no tempo e diacronia um estudo que busca constituir uma análise da trajetória da mudança de uma língua.

Já o paradigma e o sintagma, Saussure afirma que o primeiro diz respeito à associação mental em uma determinada posição frasal e sincronia remete à distribuição linear das unidades na estrutura sintática. No que se refere ao significado e significante, ambos, acontecem simultaneamente. Neste sentido, o significante constituía a representação individual do signo, também denominado de imagem acústica, enquanto que o significado representa o sentido coletivo que se é dado ao signo.

Para completar, no que tange às dicotomias, ressaltamos, ainda, que para o estudioso genebrino, o signo linguístico é arbitrário e motivado. Para o precursor do estruturalismo linguístico, o signo é arbitrário e parcialmente arbitrário, uma vez que não existe relação necessária entre significante e significado.

A partir das ideias de Saussure surgem, ainda no estruturalismo, duas novas vertentes: a europeia, voltada para a Linguística Funcional e a norte americana, representada pelas teorias de Bloomfield. Para a segunda vertente a linguagem humana é interpretada como um condicionamento social, uma resposta que o organismo humano produz mediante os estímulos recebidos da interação social e tem como objetivo a elaboração de um sistema de conceitos aplicáveis à descrição sincrônica de qualquer língua.

No contexto do formalismo nasce uma nova corrente de estudos linguísticos: o gerativismo – corrente que teve início nos Estados Unidos a partir dos trabalhos do pesquisador Noam Chomsky com a publicação, em 1957, do livro *Estruturas sintática*.

Essa corrente pode ser interpretada como um modelo de análise linguística radicalmente oposta ao modelo estruturalista/behaviorista, isto porque, enquanto os behavioristas defendem que a linguagem humana é um fenômeno externo ao indivíduo, um sistema de hábitos, gerados como resposta a estímulos e fixados pela repetição, como já mencionados anteriormente, os gerativistas afirmam que a capacidade de falar e entender uma língua deve ser compreendida como resultado de um dispositivo inato, em que o indivíduo humano sempre tem a capacidade de agir com criatividade no uso da linguagem, sendo, a todo momento, capaz de construir frases jamais ditas ou escritas por outros falantes. A essa competência linguística inata Chomsky definiu como faculdade da linguagem.

Com o intuito de tentar explicar o funcionamento da linguagem na mente das pessoas, os gerativistas instituíram um modelo conhecido como gramática transformacional. Esta gramática tinha a finalidade de apresentar como os constituintes das sentenças eram formados



e como se transformavam em outros através de aplicação de regras. Como afirma Kenedy (2008, p. 131),

os gerativistas perceberam que as infinitas sentenças de uma língua eram formadas a partir da aplicação de um finito sistema de regras (a gramática) que transformava uma estrutura em outra (sentença ativa em sentença passiva, declarativa em interrogativa, afirmativa em negativa, etc.) – e é precisamente esse sistema de regras que, então, se assumia como o conhecimento linguístico existente na mente do falante de uma língua, o qual deveria ser descrito e explicado pelo linguista gerativista.

Sendo assim, destacamos como objetos centrais dos estudos gerativistas as ideias das transformações dos fenômenos sintáticos que derivam sentenças e o entendimento de como funciona o processo inconsciente dos falantes de uma língua ao terem intuições sobre as estruturas sintáticas que eles produzem e ouvem – que denominamos de competência linguística.

Essa noção de competência linguística fez surgir no início dos anos 1980 a gramática universal e, com ela, a teoria de princípios e parâmetros. Os estudos dessa abordagem são desenvolvidos, principalmente, no campo da sintaxe, por se entender que são nas estruturas sintáticas a maior evidência das semelhanças entre todas as línguas existentes, mesmo elas não possuindo afinidades.

A partir da década de 1970, com a evolução dos estudos na linguística e as críticas da teoria formalista, desencadeiam-se novas abordagens, como a Sociolinguística, a Linguística Textual, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação e o Funcionalismo. Esta última surge com uma reformulação de pensamentos, uma vez que tentar explicar a língua sob uma visão funcional é percebida desde o estruturalismo saussuriano, com a Perspectiva Funcional da Sentença do Círculo Linguístico de Praga<sup>2</sup>.

De acordo com Cunha (2008, p. 157),

o funcionalismo é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas.

Diferentemente das abordagens formais (estruturalismo e gerativismo), o funcionalismo, que tem como principais teóricos Dik e Halliday, almeja esclarecer a língua

---

<sup>2</sup> Com relação a esse ponto sugiro uma leitura do capítulo *Estudos pré-saussurianos* do livro *Introdução a Linguística 3*, de Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes, 2005, conforme referência.

com base no contexto linguístico e na condição do extralinguístico, ou seja, a linguagem é vista como resultado da interação social e seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. Para isto, define-se em duas premissas que, segundo Cunha (2008, p. 158), são: “a) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si e b) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico”.

Essa perspectiva visa explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua e analisar as condições discursivas em que se verifica esse uso. Admite, ainda, que um grande conjunto de fenômenos linguísticos é o resultado da adaptação da estrutura gramatical às necessidades comunicativas dos usuários da língua e que o uso da linguagem é caracterizado pelos conceitos humanos associados à época, à cultura e até mesmo às inclinações individuais.

Como explica Neves (1997, p. 62),

Halliday apresenta uma visão geral de sua ‘gramática funcional’, esclarecendo que deixa de lado, aí, o aspecto sistêmico da gramática e trata apenas o funcional. Para ele, uma gramática funcional é essencialmente uma gramática ‘natural’, no sentido de que tudo nela pode ser explicado, em última instância, com referência a como a língua é usada. Seus objetivos são, realmente, os usos da língua, já que são estes que, através das gerações, têm dado forma ao sistema.

O foco principal para os estudos funcionais é ver a linguagem como requisito pragmático da interação verbal, ou seja, eles priorizam a análise pragmática para, em seguida, observarem a semântica e a sintaxe. Embora ressaltem a importância da semântica e da pragmática para a análise da estrutura linguística, eles admitem que a noção de estrutura tem uma grande importância para a compreensão das línguas naturais, de tal modo que admitem não estudá-las de forma excludente. Como admite Dik (*apud* NEVES, 1997, p. 79):

A teoria funcionalista distingue o *sistema* da língua e o *uso* da língua, mas evita estudar cada um deles fazendo abstração do outro. A forma dos enunciados não é entendida, pois, independente de sua função. (grifo da autora)

No que tange à aquisição da linguagem, os funcionalistas afirmam que são vastas as habilidades da criança na sociedade, por entenderem que elas desenvolvem uma grande capacidade cognitiva.

Ainda dentro da abordagem funcionalista destacamos duas novas tendências: a europeia, visando às funções das unidades linguísticas, tendo como principais contribuições a distinção entre análises fonéticas e fonológicas dos sons, análise dos fonemas em traços distintivos e as noções correspondentes de binário e marcado; e a norte-americana, voltada para as regras pragmáticas. Para a abordagem norte-americana é aceita a concepção da existência de um grande vínculo entre a gramática e o discurso, uma vez que a sintaxe obtém sua forma através dos falantes no momento da articulação das informações na interação discursiva. É justamente esta perspectiva que irá conduzir nosso estudo.

### 03 A GRAMÁTICA FORMAL E GRAMÁTICA FUNCIONAL EM FOCO

A partir desses aspectos citados anteriormente, desencadeou-se na Linguística dois importantes grupos de estudos: o formal, representado pelos formalistas, e o funcional, composto por Halliday e Dik, a Escola de Praga, além de Firth, Lamb e a Escola de Londres.

Como elucida Neves (1997, p. 39),

na verdade, pode-se distinguir dois pólos de atenção opostos no pensamento linguístico, o *funcionalismo*, no qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante, e o *formalismo*, no qual a análise da forma linguística parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários.

Os funcionalistas fazem uma crítica ao modelo formal por alegarem que os formalistas estudam a língua como um sistema autônomo, preocupando-se apenas com suas características internas. Já a vertente formal censura os funcionalistas por estudarem a língua relacionando-a com o extralinguístico, ou seja, com a sua função social, fazendo assim relação com os fenômenos psicológicos e sociológicos.

Como forma de ilustrar as divergências e convergências<sup>3</sup> dessas bases formal e funcional apresentamos, segundo Halliday, o quadro abaixo extraído de Neves (1997, p. 48) com a finalidade de pontuar as diferenças entre essas duas correntes:

Gramática formal	Gramática funcional
Orientação primariamente sintagmática.	Orientação primariamente paradigmática.
Interpretação da língua como um conjunto de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares.	Interpretação da língua como uma rede de relações: as estruturas como interpretação das relações.

<sup>3</sup> Ambas têm como convergência os seus objetos de estudo, a saber: a língua.

Ênfase nos traços universais da língua (sintaxe como base: organização em torno da frase).	Ênfase nas variações entre línguas diferentes (semântica como base: organização em torno do texto e da interação verbal humana - discurso).
--	---

**Quadro 1:** Diferenças entre as correntes formalista e funcionalista apontadas por Halliday.

Fonte: NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 48.

Ainda com relação ao confronto dessas duas correntes podemos perceber, também em Neves (1997, p. 43-46), que o paradigma formal e o paradigma funcional para Dik resumem-se em:

	<b>Paradigma formal</b>	<b>Paradigma funcional</b>
<b>O que é Língua?</b>	É um conjunto de orações, e a gramática é idealizada em termos de regras de sintaxe formal.	É um instrumento de interação social e existe em virtude de seu uso para o propósito de interação entre seres humanos.
<b>Principal função da língua</b>	Expressão dos pensamentos.	Estabelecer comunicação.
<b>Correlato psicológico de uma língua</b>	A capacidade de produzir, interpretar e julgar sentenças.	A capacidade linguística do falante de construir e interpretar expressões linguísticas de modo apropriado e efetivo de acordo com a interação verbal.
<b>Sistema da língua e uso</b>	Tem prioridade lógica e psicológica sobre o estudo da atuação.	Deve ser estudado dentro do quadro das regras, princípios e estratégias que governam seu uso comunicativo natural.
<b>Aquisição da língua em crianças</b>	A criança constrói uma gramática da língua usando suas propriedades inatas.	A aquisição da linguagem se desenvolve na interação comunicativa entre a criança e seu ambiente.
<b>Como se explica os universais linguísticos</b>	Devem ser vistos como propriedades inatas do organismo humano.	Devem ser explicados em termos das restrições inerentes (fins da comunicação, propriedades biológicas e psicológicas dos usuários, contexto e circunstâncias do uso para os propósitos).
<b>Relação entre a pragmática, semântica e sintaxe</b>	A semântica é autônoma à sintaxe, a sintaxe e a semântica são autônomas à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.	A pragmática é vista como o quadro abrangente no qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas.

**Quadro 2:** O paradigma formal e funcional de acordo com Dik.

Fonte: NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 43-46.

Sendo assim, como vemos na vertente formal, a língua é vista como um conjunto de estruturas que tem o objetivo descrever como os constituintes das sentenças são formados e

como eles se transformam em outros por meio de regras, a sintaxe. Já a vertente funcional vê a língua como uma rede de relações em que é analisada a função exercida dos enunciados e textos no ato da comunicação, observando-os em seu contexto real da escrita ou da fala, tendo assim, a semântica como base.

Embora ambas as teorias estudem o mesmo fenômeno, a língua, o modo como elas veem esse fenômeno é distinto. Por este motivo, não podemos considerar uma ou outra como melhor opção, uma vez que possuem diferentes pressupostos, objetivos e metodologias. Neste sentido, vemos a necessidade de não estudá-las como alternativas excludentes, por entendermos que as duas abordagens fazem o estudo da língua de maneira diferente, logo um estudo não exclui o outro, mas o complementa.

A necessidade de conciliar essas duas vertentes com a intenção de articular os conhecimentos do sistema e do sentido nos fez optar pela análise do fenômeno da partícula “que” na perspectiva completiva e relativa dentro do gênero textual Artigo de Opinião, uma vez que entendemos que a utilização dessas perspectivas é bastante produtiva dentro desse gênero, já que possuem a característica de especificar os seres e objetos, conceituando com exatidão, eliminando as ambiguidades e as indeterminações de nomes e pronomes. Além disto, servem para completar o sentido de substantivos, adjetivos, verbos e advérbios.

Partindo desses pressupostos teóricos temos segundo Neves (2011, p. 335) que

as orações introduzidas por conjunção integrante geralmente funcionam como complemento de um termo da outra oração. Essas orações completivas têm papel de um argumento, ou participante, em relação a um termo valencial da oração principal.

Esses tipos de argumentos podem ser:

- a) de verbo (sujeito<sup>4</sup>, objeto direto e objeto indireto/complemento relativo) – quando é um verbo da oração principal que exige a oração completiva, podendo exercer todas funções argumentais acopladas ao verbo desempenhadas por um sintagma nominal.
- b) complementação de substantivo e adjetiva com preposição (complemento nominal) – quando é um substantivo ou adjetivo que exige a oração completiva.

Ainda incluímos segundo as teorias dos gramáticos tradicionalistas em geral (teoria formal) que:

---

<sup>4</sup> Como o objetivo do nosso estudo foi restringido apenas à análise da partícula “que” na perspectiva completiva e relativa, não nos deteremos a uma abordagem mais afinada da função argumental do sujeito.

- Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas – exercem a mesma função que o sintagma nominal é capaz de exercer, ou seja, objeto direto da oração principal. Pode ser distinguida em: desenvolvidas, introduzidas pelo nominalizador “que” e desenvolvidas, inseridas por pronomes indefinidos ou por advérbios interrogativos. Também é caracterizada pela presença de um verbo transitivo direto na oração principal e o sujeito pode estar implícito ou explícito.

Ex:

Or. Principal

Quero que você vá até a banca de revista agora.

Or. Subordinada Substantiva Objetiva Direta

- Objetivas Indiretas, também chamadas de Orações Completivas Relativas – exercem a mesma função que o sintagma nominal é capaz de exercer, ou seja, objeto indireto ou complemento relativo da oração principal. Caracterizada pela presença de um verbo transitivo indireto, servem de complemento a verbos que vêm, necessariamente, seguidos de preposição.

Ex:

Or. Principal

Gostaria de que tudo aqui fosse diferente.

Or. Subordinada Substantiva Objetiva Indireta ou Completiva Relativa

- Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais – quando é um substantivo ou adjetivo que exige a oração completiva. Exercem função sintática de complemento nominal, ligando-se ao verbo da oração principal por preposição (opcional), completando o sentido de substantivos, adjetivos e advérbios.

Ex:

Or. Principal

Tenho esperança que a situação do Brasil melhore com o tempo.

Or. Subordinada Substantiva Completiva Nominal

- Orações Subordinadas Adjetivas – são aquelas que se encaixam na oração principal e funcionam como adjunto adnominal de um nome equivalente da oração principal. A referente transposição é efetuada por um pronome relativo e pode vir exercendo três funções: anafórica (retoma ou reitera um antecedente), conectiva (insere a oração transposta na oração maior) e sintática (é sujeito, complemento ou adjunto na oração transposta).

Podem ser divididas em: orações restritivas, quando têm a finalidade de particularizar, especificar, restringir a significação do substantivo ou pronome antecedente, sendo indispensável na compreensão do sentido da oração, e orações explicativas, quando acrescentam ao termo antecedente uma informação acessória; vêm sempre separadas por vírgulas da oração principal, podendo ser retiradas do período sem prejudicar o sentido da frase.

Exs:

Or. Principal

Or. Principal

Aqueles alunos que estão sentados receberam o prêmio.

Or. Subordinada Adjetiva Restritiva

Or. Principal

Or. Principal

Eu, que não sei de nada, resolvi o problema.

Or. Subordinada Adjetiva Explicativa

É pertinente pontuar que os pronomes relativos podem exercer exatamente a mesma função sintática dos nomes que representam ou substituem. Dependendo da função exercida por eles na oração, poderão classificar-se como: sujeito, objeto direto, objeto indireto ou complemento relativo, adjunto adverbial, agente da passiva, predicativo do sujeito, adjunto adnominal e complemento nominal.

## 04 CONTEXTUALIZAÇÃO DO *CORPUS*

### **Análise do *corpus***

Diante dessa consciência de se estudar os enunciados e os textos relacionando-os com as funções que eles desempenham nos contextos da comunicação, assumindo uma postura mais contida no que se trata de admitir uma interação entre forma e função, tomamos como

*corpus* de nossa análise um artigo de opinião da escritora, brasileira, Lya Luft: **Medíocres distraídos.**

A escolha desse gênero textual incidiu por entendermos a importância que eles exercem no nosso cotidiano, envolvendo quase todas as práticas de linguagem, já que são usados mesmo que intuitivamente ao lermos, escrevermos, ouvirmos ou falarmos. Frequentemente é visto nos jornais, revistas, rádio e TV, em que circulam temas polêmicos que exigem uma tomada de posição por parte dos leitores, ouvintes e espectadores, nos quais o autor manifesta seu ponto de vista sobre o tema em debate. Possui características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição, características que, mesmo contribuindo para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do cotidiano, se constituem como eventos textuais altamente dinâmicos.

Conforme Costa (2009), o artigo de opinião é um texto dissertativo que absorve argumentos sobre o assunto abordado e que tem por característica peculiar a persuasão, que consiste na tentativa do emissor de convencer o destinatário, neste caso, o leitor, a adotar a opinião apresentada. Por este motivo, é comum presenciarmos descrições detalhadas, apelo emotivo, acusações, humor satírico, ironia e fontes de informações precisas. Portanto, o escritor, além de expor seu ponto de vista, sustenta-o através de informações coerentes e admissíveis. A sua estrutura é regida por contextualização, tese (declarada ou deduzida pelo leitor), argumentação e conclusão fazendo uso da escrita em primeira ou terceira pessoa do presente do indicativo, uma vez que se trata de um texto com marcas pessoais e, nestas condições, com indícios claros de subjetividade.

Segue a análise do *corpus*.

**Lya Luft: Uma educação que nos torna medíocres distraídos**



"Queremos, aceitamos, pão e circo, a Copa, a Olimpíada, a balada, o joguinho, o desconto, o prazo maior para nossas dívidas, o não saber de nada sério: a gente não quer se incomodar. Ou pior: nós temos a sensação de que não adianta mesmo" (Ilustração: Guto Cassiano)

*Artigo publicado na edição de VEJA que está nas bancas*





Lya Luft

## MEDÍOCRES DISTRAÍDOS

Leio com tristeza sobre quantos países como Coréia do Sul e outros estimulam o ensino básico, conseguem excelência em professores e escolas, ótimas universidades, num crescimento real, aquele no qual tudo se fundamenta: a educação, a informação, a formação de cada um.

Comparados a isso, parecemos treinar para ser medíocres. Como indivíduos, habitantes deste Brasil, estamos conscientes disso, e queremos — ou vivemos sem saber de quase nada? Não vale, para um povo, a desculpa do menino levado **que**<sup>1</sup> tem a resposta pronta: “Eu não sabia”, “Não foi por querer”.

Pois, mesmo com a educação — isto é a informação — tão fraquinha e atrasada, temos a imprensa para nos informar. A televisão não traz só telenovelas ou programas de auditório: documentários, reportagens, notícias, nos tornam mais gente: jornais não têm só coluna policial ou fofocas sobre celebridades, mas nos deixam a par e nos integram no **que**<sup>2</sup> se passa no mundo, no país, na cidade.

Alienação é falta grave: omissão traz burrice, futilidade é um mal. Por omissos votamos errado ou nem votamos, por desinformados não conhecemos os nossos direitos, por fúteis não queremos lucidez, não sabemos da qualidade na escola do filho, da saúde de todo mundo, da segurança em nossas ruas.

O real crescimento do país e o bem da população passam ao largo de nossos interesses. Certa vez escrevi um artigo **que**<sup>3</sup> deu título a um livro: “Pensar é transgredir”. Inevitavelmente me perguntam: “Transgredir o **quê**<sup>4</sup>?”. Transgredir a ordem da mediocridade, o deixa pra lá, o nem quero saber nem me conte, **que**<sup>5</sup> nos dá a ilusão de sermos livres e leves como na beira do mar, pensamento flutuando, isso é **que**<sup>6</sup> é vida. Será? Penso **que**<sup>7</sup> não, porque todos, todos sem exceção, somos prejudicados pelo nosso próprio desinteresse.

Nosso país tem tamanhos problemas **que**<sup>8</sup> não dá para fingir **que**<sup>9</sup> está tudo bem, **que**<sup>10</sup> somos os tais, **que**<sup>11</sup> somos modelo para os bobos europeus e

americanos, **que**<sup>12</sup> aqui está tudo funcionando bem, e **que**<sup>13</sup> até crescemos. Na realidade, estamos parados, continuamos burros, doentes, desamparados, ou muito menos burros e doentes e desamparados do **que**<sup>14</sup> poderíamos estar. Já estivemos em situação pior? Claro **que**<sup>15</sup> sim.

Já tivemos escravidão, a mortalidade infantil era assustadora, os pobres sem assistência, nas ruas reinava a imundície, não havia atendimento algum aos necessitados (hoje há menos do **que**<sup>16</sup> deveria, mas existe). Então, de certa forma, muita coisa melhorou. Mas poderíamos estar melhores, só **que**<sup>17</sup> não parecemos interessados.

Queremos, aceitamos, pão e circo, a Copa, a Olimpíada, a balada, o joguinho, o desconto, o prazo maior para nossas dívidas, o não saber de nada sério: a gente não quer se incomodar. Ou pior: nós temos a sensação de **que**<sup>18</sup> não adianta mesmo. Mas na verdade temos medo de sair às ruas, nossas casas e edifícios têm porteiro, guarda, alarmes e medo.

Nossas escolas são fraquíssimas, as universidades péssimas, e o propósito parece ser o de **que**<sup>19</sup> isso ainda piore.

Pois, em lugar de estimularmos os professores e melhorarmos imensamente a qualidade de ensino de nossas crianças, baixamos o nível das universidades, forçando por vários recursos a entrada dos mais despreparados, **que**<sup>20</sup> naturalmente vão sofrer ao cair na realidade. Mas a esses mais sem base, porque fizeram uma escola péssima ou ruim, dizem **que**<sup>21</sup> terão tutores no curso superior para poder se equilibrar e participar com todos.

Porque nós não lhes demos condições positivas de fazer uma boa escola, para **que**<sup>22</sup> pudessem chegar ao ensino superior pela própria capacidade, queremos band-aids

ineficientes para fingir **que**<sup>23</sup> está tudo bem. Não se deve baixar o nível em coisa alguma, mas elevar o nível em tudo.

Todos, de qualquer origem, cor, nível cultural e econômico ou ambiente familiar,

têm direito à excelência **que**<sup>24</sup> não lhes oferecemos, num dos maiores enganos da nossa história.

Não precisamos viver sob o melancólico império da mediocridade **que**<sup>25</sup> parece fácil e inocente, mas trava nossas capacidades, abafa nossa lucidez, e nos deixa tão agradavelmente distraídos”.

**Quadro 03** – Mediócrs distraídos (Lia Luft)

Fonte : Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/lya-luft-mediocres-distraidos-ok/>>. Acessado em: 14 MAI. 2013.

**Classificação:**

- ✓ Para partícula “que” com expoente marcado em 7, 9, 10, 11, 12, 13, 21 e 23:

Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta.

- ✓ Para partícula “que” com expoente marcado em 2:

Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta ou Completiva Relativa.

- ✓ Para partícula “que” com expoente marcado em 14, 16 e 18:

Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal.

É evidente a necessidade do ajuntamento das funções argumentais ligadas aos verbos e aos nomes das orações bases citadas acima, com o intuito de complementar o sentido das unidades gramaticais ao atribuir valores maiores do ponto de vista semântico ao contexto. Ao levamos em consideração que o gênero artigo de opinião tenta persuadir o leitor, torna-se perceptível a afinidade de sentidos que foi construída, por Lya Luft, entre os sintagmas utilizados e o tipo textual, estabelecendo uma relação semântica entre os vários grupos de vocábulos encadeados, atingindo além da coerência textual, o objetivo central dela, que foi usar as estratégias de argumentação, para defender seu ponto de vista e convencer o leitor.

Note que nas orações marcadas com expoentes 10, 11, 12 e 13 ocorre uma equipolência, apesar de não haver uma adequada designação na Nomenclatura Gramatical Brasileira para esse tipo de classificação, Bechara (2009, p. 510-512) destina um tópico pautando, ainda que brevemente, sobre equipolência interoracional em que afirma que “assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal”. Deste modo, observamos nessas orações a omissão da conjunção coordenativa “e” numa série de equipolentes, induzindo do ponto de

vista estilístico da norma uma implicitude da oração. Essa elipse reforça a relação da organização em torno dos itens gramaticais e da interação verbal, uma vez que o artigo de opinião tem por característica peculiar trazer marcas pessoais da oralidade e ser constituído por eventos dinâmicos com o intuito de aproximar leitor e autor através do texto.

- ✓ Para a partícula “que” com expoentes marcados em 1, 3, 8, 24 e 25:

Oração Subordinada Adjetiva Restritiva.

- ✓ Para partícula “que” com expoente marcado em 5 e 20:

Oração Subordinada Adjetiva Explicativa.

Quando atentarmos para classificação destas orações, percebemos que há sempre um propósito com relação ao significado e a origem de qualquer articulação das unidades de informações do texto. As orações subordinadas adjetivas restritivas apresentam um teor acentuado para identificar a entidade, ser ou objeto no qual o pronome relativo se refere, restringindo, particularizando, especificando a significação do sintagma, trazendo uma importante carga de conteúdo para a identificação a que se refere o antecedente (pronome relativo). Já as subordinadas explicativas, vêm com o propósito de explicar o significado dos nomes a que se referem e acrescentam ao termo anterior uma informação acessória. Os elementos estruturais usados ultrapassam os limites da estrutura sintagmática, ou seja, da análise formal, tendo em vista que novos valores são atribuídos a esses elementos com a progressão do texto, cuja finalidade do uso é enfatizar a manifestação da vontade, dos desejos, dos propósitos da autora em satisfazer a necessidade da composição do gênero e de deixar explícito seu ponto de vista diante do tema abordado, através de expressões responsáveis pela ligação de sentido das quais o raciocínio vai sendo construído.

- ✓ Para partícula “que” com expoente marcado em 22:

Oração Subordinada Adverbial de Finalidade.

Como o plano discursivo admite uma maior flexibilidade no que tange à classificação, podemos observar que em se tratando de uma visão funcionalista admite-se que essa oração seja classificada como: Oração Subordinada Adjetiva Explicativa, por entendermos que ao atribuir os valores do ponto de vista semântico percebe-se que a informação introduzida é adicional, acrescentando ao termo antecedente (“a esses mais sem bases”) uma informação acessória.

Destacamos, ainda, a presença de outras partículas “que” dentro do texto, contudo não nos detemos à classificação delas por não fazerem parte do nosso objeto de estudo.

Após a classificação acima percebemos que se comprova uma evidente relação entre os períodos compostos de que participam as orações subordinadas completivas e relativas

com o gênero textual artigo de opinião. Uma vez que o estudo do período complexo constitui-se através da verificação estabelecida entre as orações de um mesmo período, a própria construção textual permite a aplicação do gênero que tem por característica expor fatos e conceitos ao mesmo tempo em que emiti um julgamento sobre o assunto abordado. Os enunciados possuem uma vinculação semântica que extrapolam os limites da sintaxe, o que configura a relação mais que necessária entre gramática e discurso (interação verbal), característica que nutre as especificidades da corrente funcionalista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo dos fenômenos da partícula “que” na perspectiva completiva e relativa dentro do gênero textual artigo de opinião teve o intuito de mostrar a necessidade de uma conciliação das vertentes linguísticas formalista e funcionalista. Desta forma, expomos os conceitos das orações complexas partindo das definições das gramáticas tradicionais, apontando também para algumas outras visões de estudiosos que nos conduzem a uma visão funcional. Para isso, obteve-se um estudo panorâmico dessas bases, desenvolvendo além de um esboço das classificações oracionais da partícula “que” do ponto de vista nominal, verbal e adjetivo, uma análise sob a função que a mesma exerce dentro do gênero proposto.

Os resultados obtidos nesse estudo trouxeram uma discussão pautada no entrelaçamento de forma-função. Fizemos uma análise linguística que discutiu aquilo que é da ordem funcional e da estrutura e aquilo que é da ordem do que põe esta estrutura para funcionar, como já mencionado anteriormente em Cunha (2008, p. 158): “a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si e as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico”, entrelaçando, assim, a relação entre conteúdo gramatical e o gênero textual. Para satisfazer a necessidade do gênero, Luft usou dos artifícios das orações complexas para a concretização do encadeamento e da articulação das ideias do texto, visto que a intenção da articulista foi usar as estratégias de argumentações para defender seu ponto de vista.

Nesses termos, trouxemos uma contribuição para ciência da linguagem em um trabalho que fortalece a visão de uma língua atravessada pelo texto e pelo contexto. Mesmo não tendo sido o objetivo da pesquisa, encerramos este artigo ressaltando que vemos a importância de se trazer para o ensino da Língua Portuguesa, campo que nos incentivará em pesquisas futuras, esta consideração que entrelaça, nos estudos de análise linguística, forma e função, no sentido de oportunizar um ensino de língua cada mais reflexivo e distanciado de

nomenclaturas que enfadaram e que fazem o aluno ter a concepção de que análise sintática é “decoreba” e não movimentos que acentuam os efeitos sentidos situados perpassados pelo uso não aleatório de estruturas da língua.

## RÉSUMÉ

Avec le développement des études linguistiques étend l'importance d'étudier les énoncés et les textes en ce qui concerne les rôles qu'ils jouent dans les contextes de la communication, prenant ainsi une approche quand il s'agit d'admettre une interaction entre forme et fonction. En ce sens, nous ferons une étude des phénomènes de particules « qui » dans la perspective complétive et relative à l'intérieur aux genres textuels article d'opinion. En plus de définir le phénomène de la particule "qui" dans le genre, nous allons effectuer une étude panoramique des fondements de la linguistique : formalisme et fonctionnalisme, en développant une étude des classement d'oraison et en analysant la fonction engagés au sein de l'article d'opinion. Dans cette recherche, nous prenons comme base théorique, les notions de Bechara (2007), Neves (1997) et (2011), Kenedy (2008) entre autres. Afin de donner notre contribution à la compréhension des études des phénomènes linguistiques, d'un point de vue qui est utilisé de manière complémentaire et aussi nécessaire pour l'étude en question. L'analyse effectuée nous montre l'importance d'une étude en apportant une discussion basée sur l'entrelacement de forme/fonction. Nous avons fait une analyse linguistique qui a discuté avec propriété ce qui est de l'ordre fonctionnel et de la structure et ce qui est de l'ordre qui mis est structure pour travailler.

Mot-clé : formalisme et fonctionnalisme. Particule « qui ». Article d'opinion.

## REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. O período composto. In: \_\_\_\_\_. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008, p. 289-322.
- BECHARA, Evanildo. Orações complexas e grupos oracionais: A subordinação e a coordenação. A justaposição. In: \_\_\_\_\_. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 462-512.
- COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In: MARTTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 113-126.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CUNHA, Angélica Furtado dos. Funcionalismo. In: MARTTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-174.
- CUNHA, Celso. F. da; CINTRA, Luis. F. Lindley. O período e sua construção. In: \_\_\_\_\_. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007, p. 612-618.

- FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 274-301.
- LUFT, Lya. Mediocres distraídos. Disponível em: [HTTP://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/lya-luft-mediocres-distraidos-ok/](http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/lya-luft-mediocres-distraidos-ok/). Acessado em: 14 MAI. 2013.
- KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 127-139.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Org.) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2005.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.